

O Sujeito Feminino Metaficcional em *A Paixão segundo G.H.*

Doutora Anna Beatriz Paula¹ (FACINTER)

RESUMO: *no cenário literário pós-modernista, Linda Hutcheon destaca a metaficção como uma forma de autores ex-cêntricos terem suas vozes ativas e ativadas na polifonia cultural destes tempos, de onde emerge a autoria feminina. E dentre essas vozes de mulheres do cenário brasileiro e mundial, está Clarice Lispector, cujo corpus literário apresenta releituras do cotidiano das mulheres no âmbito pessoal e coletivo. Mas é em A Paixão segundo G.H. que Clarice se apropria de um dos principais arquétipos - e narrativas - ocidentais: o do Filho, elaborando uma narrativa em que o sujeito falante e falado é a Filha. Ocorre, assim, uma relocação do espaço da Paixão para o território da linguagem a partir da definição deste sujeito feminino. Oriente e Ocidente se encontram em intertextualidades sutis e profundas nesta metanarrativa cuja autorreflexividade dita o ritmo: o da memória humana.*

Palavras-chave: metaficção, gênero, pós-modernismo

Introdução

A Paixão segundo GH é o livro mais enigmático de Clarice Lispector. Ainda que tenha sido objeto de inúmeros estudos, a subjetividade narrativa em total fluxo de consciência conduz o leitor por uma trajetória que se traduz em paixão, na dupla acepção da palavra: o envolvimento arrebatador pela obra e o calvário que prescinde sua compreensão. Caminhamos, de mãos dadas com GH, rumo à clareza. E se o caminho não é fácil para a personagem, não recebemos qualquer benesse da narradora e muito menos da autora: o texto é, para o leitor, a barata na porta do armário do quarto da empregada ausente. Como agir diante do que nos desestrutura de maneira tão visceral? Os principais pesquisadores da obra de Clarice enveredam por duas vias: a subjetividade da vivência do sagrado e uma espécie de escrita de desconstrução adotada pela autora. A primeira aponta para o que o pesquisador Benedito Nunes chamou de “itinerário místico”. A segunda, de maior intensidade, é assim reconhecida por Nunes:

Em *A paixão segundo G.H.* a narração caminha, por assim dizer, à contra-corrente da experiência narrada. É o *paradoxo egológico* desse romance: a narração que acompanha o desapossamento do *eu*, e que tende a anular-se juntamente com este, constitui o ato desse mesmo *eu*, que somente pela narração consegue reconquistar-se. Por isso mesmo, extrema-se aqui o drama da linguagem: a narrativa é o espaço agônico do sujeito e do sentido – espaço onde ele erra, isto é, onde ele se busca –, o deserto em que se perde e se reencontra para de novo perder-se, juntamente com o sentido daquilo que narra, num processo em círculo, que termina para recomençar, e cujo início não pode ser mais do que um retorno. (NUNES, 1999. p.76)

Contra-corrente, paradoxo, desapossamento do eu, espaço agônico do sujeito são expressões que revelam o drama da linguagem de Clarice enquanto escritora contemporânea. Não só isso, revelam, igualmente, as características do que Linda Hutcheon tão bem discute como **metaficção**. Esta será, portanto, a proposta de leitura de *A Paixão* desenvolvida no presente trabalho cujo destaque à construção do sujeito feminino reitera esse caráter metaficcional.

1 O Sujeito feminino em A Paixão

Acredito que uma das melhores definições da escrita do pós-modernismo é a de Kristeva: “escrita-como-experiência-dos-limites”. E os limites devem ser compreendidos amplamente. Assim, os limites dos cânones literários são objeto de exercícios de transcendência, transposição e subversão. Grandes narrativas são revistas sob a ótica da exclusão: os *ex-cêntricos* (Hutcheon), marginalizados e sem força de representação social e literária tornam-se sujeitos. Negros, mulheres entre tantas outras identidades consideradas minorias na cultura eurocêntrica e falocêntrica do ocidente iniciam um processo de questionamento da História e de suas histórias, assumindo a autoria de relatos. Surgem e se consolidam múltiplas literaturas: a literatura negra, a literatura dalit (parias indianos convertidos ao budismo), a literatura gay, entre tantas outras.

Linda Hutcheon, ao analisar o pós-modernismo, aponta exatamente para o fato de este movimento não trazer a periferia para o centro. O que existe é uma constante relativização do centro em termos de cultura, economia, etc. O centro, como afirma a autora,

pode não permanecer, mas ainda é uma atraente ficção de ordem e unidade que a arte e a teoria pós-modernas continuam a explorar e subverter.(...) O ex-cêntrico. O *off-centro*: inevitavelmente identificado com o centro ao qual aspira, mas que lhe é negado. Esse é o paradoxo do pós-moderno, e muitas vezes suas imagens são tão divergentes quanto o pode sugerir essa linguagem de descentralização. (HUTCHEON, 1991. p.88)

O que fica claro, portanto, é que o pós-modernismo propõe um flamar de posições que reflete o grau em que a subjetividade deverá ser considerada em relação à representação.

Assim, a escrita desenvolvida por Clarice em *A paixão* confirma aquele experimentalismo indicado por Kristeva. Transcendendo a ordem romanesca, a autora propõe uma semiotização discursiva essencialmente paradoxal, não unicamente em relação à busca por significação através da dessubstancialização da identidade, mas – e principalmente – pela quebra de distanciamento entre narrador e personagem. Essa identidade bipartida, referencializada pelo simples G.H., movimentase num ritmo de retração e expansão, fusão e separação conforme se intensifica o mergulho anímico. Daquela identidade primeira de mulher, profissional da arte, solitária, cuja expressão no espaço público não a satisfazia, há um salto para aquela que, no espaço privado, numa ação cotidiana busca sua significação. Essa estilística de Clarice compõe sobremaneira a configuração de um sujeito feminino – e não feminista – posto que não se trata de uma discurso panfletário ou de uma literatura engajada de luta por reconhecimento da mulher enquanto voz ativa na sociedade. É no espaço privado, doméstico – ou nas ações a ele correlatas – que a epifania se consubstancia

A opção pelo caminho do sagrado aponta, notadamente, para mais um elemento metaficcional em *A Paixão*, qual seja, a releitura de grandes narrativas. É imprescindível destacar o fato de que, tanto no Ocidente quanto no Oriente, as escrituras sagradas sejam de autoria masculina e tratem de avatares masculinos. Sendo assim, ao propor uma personagem que, ativamente, participa e conduz sua ascensão, Clarice, rompe toda uma concepção canônica. Até mesmo pelo fato de terem sido homens que, por exemplo, relataram a paixão de Cristo nos Evangelhos, partindo de um olhar exterior que caracterizou os diferentes narradores observadores da *via crucis*, cujos relatos compõem o Novo Testamento.

Clarice segue outra proposta. A narradora-personagem relata subjetivamente a experiência do calvário, descrevendo o ir e vir da consciência individual durante o processo de mudança de nível consciencial, a começar pelo trecho “ Se eu me confirmar e me considerar verdadeira, estarei perdida porque não saberei onde engastar meu novo modo de ser – se eu for adiante nas minhas visões fragmentárias, o mundo inteiro terá que se transformar para eu caber nele.” (LISPECTOR, 1986. p.7)

A opção de Clarice Lispector gera duas situações entrelaçadas: a caracterização da paixão como um processo de dissolução identitária, muito de acordo com as tradições orientais, nas quais o próprio cristianismo se inclui; e a construção de um sujeito que transcende o papel do narrador.

A título de esclarecimento, adoto a concepção de identidade enquanto uma construção cultural, conforme aponta Zygmunt Bauman, em *Identidade*, do qual extraímos o seguinte:

A idéia de “identidade”, e particularmente de “identidade nacional”, não foi “naturalmente” gestada e incubada na experiência humana, não emergiu dessa experiência como um “fato da vida” auto-evidente.(...) A idéia de “identidade” nasceu da crise do pertencimento (...) Nascida como ficção, a identidade precisava de muita coerção e convencimento para se consolidar e se concretizar numa realidade. (BAUMAN, 2005: 43)

Quanto ao sujeito, prefiro não restringi-lo ao conceito de sujeito da enunciação, isto é, o narrador porque compreendo nisso uma armadilha em se tratando de A Paixão. A questão que exploro nesta análise é a de um sujeito metaficcional e, portanto, transcendente à sua função enunciativa.

Retomando a discussão, a própria concepção de entrelaçamento caracteriza, aliás, com bastante propriedade a relação estabelecida entre a nulidade egóica e a estruturação de um sujeito que se manifestam simultaneamente, mas paralelamente nas duas ordens já citadas anteriormente - a linguagem e a experiência do sagrado. Com isso percebe-se o movimento não linear – porque sinuoso – do texto, que indicia o trânsito pelos pólos ego/sujeito por onde se desloca a personagem G.H.

Não há como tratar do sagrado em qualquer obra de Clarice Lispector – e em especial A Paixão – sem mencionar a epifania. Entendamos epifania pelo processo no qual o indivíduo é acometido por uma súbita tomada de consciência. Essa constante nos textos da autora, tanto contos quanto romances, adquire um caráter bastante peculiar neste enredo, uma vez que é a experiência epifânica o objeto da narrativa. Isso é o que diferencia o epifânico em A Paixão daquele experienciado por outras personagens de Clarice. Naquelas narrativas, há um foco narrativo imbuído de descrever o fenômeno de modo onisciente, mas em terceira pessoa, o que confere suficiente distanciamento entre narrador e personagem, permitindo a clareza descritiva do momento. A falta de linearidade discursiva na fala de G.H. decorre da ênfase na subjetividade da experiência epifânica, conforme se verifica no parágrafo de abertura:

----- estou procurando, estou procurando. Estou tentando entender. Tendo dar a alguém o que vivi e não sei a quem, mas não quero ficar com o que vivi. Não sei o que fazer do que vivi, tenho medo dessa desorganização profunda. Não confio no que me aconteceu. Aconteceu-me alguma coisa que eu, pelo fato de não saber como viver, vivi uma outra? A isso quereria chamar desorganização, e teria segurança de me aventurar, porque saberia depois para onde voltar: para a organização anterior. A isso prefiro chamar desorganização pois não quero me confirmar no que vivi – na confirmação de mim eu perderia o mundo como eu o tinha, e sei que não tenho capacidade para outro.(LISPECTOR,1986. p.7)

Assim, a identidade de G.H. no plano material começa a ser atingida no momento em que inicia seu mergulho no interior de seu apartamento. É no quarto de empregada que a epifania começa a partir do encontro com a barata. A barata como a própria personagem afirma, com toda força simbólica da ancestralidade humana, uma sobrevivente das múltiplas evoluções por que o próprio planeta passou. (LISPECTOR,1986. p.43-4)

Essa referência intensifica a atemporalidade do texto para o qual a indicação de marcações, tais como ontem, manhã, tarde, não se mostram consistentes diante da impossibilidade de registro por parte de G.H. Convém apontar uma das características mais importantes do aparato egóico: segundo Freud, o ego é nosso veículo de expressão no mundo social. Se esta estrutura de G.H. perde, gradualmente, sua substancialidade, o contato com o cronológico se perde proporcionalmente.

Somado a isso, constata-se o peso que a memória assume no texto desde o fato de G.H. estar rememorando o vivido no dia anterior até as sucessivas referências aos tempos imemoriais. Olga de Sá, ao ler Clarice Lispector, destaca a relação memória-tempo como elementos da ordem do sujeito como está evidente no excerto abaixo:

Não só os sonhos sofrem os processos de condensação e deslocamento, apontados por Freud. A memória também. De tal forma, que os fatos lembrados se confundem e se interpenetram e embora exista uma ordem subjacente subjetiva, essa ordenação parece caótica e confusa, comparada com a ordem do tempo cronológico. Na duração do tempo interior existe certamente uma lógica interna, que representa, antes, uma espécie de ilogismo. Ninguém se lembra das coisas linearmente. Os processos, que Freud privilegia ao tratar dos sonhos, também se aplicam à memória involuntária e mesmo à voluntária. A reescritura da memória tem seus pontos de condensação, seus saltos, suas ubiquidades e deslocamentos. Passado remoto e passado próximo, passado e presente se misturam e a chamada “lógica das imagens” é regida por associações significativas para o sujeito, mas nem sempre facilmente acessíveis a uma análise que busque nexos causais. (SÁ, :80)

A referencialidade espacial é igualmente deslocada mediante o estranhamento que G.H. sente diante do quarto arrumado. Imediatamente aquele espaço é descrito como o avesso do resto do seu apartamento, algo que traz profundo incômodo à personagem. Dessa impressão inicial, o olhar da personagem revela o minarete oculto naquele espaço, que passa, então, a funcionar como um ponto do qual a consciência de G.H. se projeta e mergulha, como a guimba de cigarro lançada da cobertura e engolida pelo silêncio.

Uma vez rompida a ligação com o tempo e o espaço, o papel do ego como elemento configurador da identidade entra em crise. G.H. caminha, então, rumo à sua reorganização como sujeito. Em termos metafísicos, é a despersonalização que precede a Verdade da alma. Uma verdade que pressupõe a experiência satânica do não-ser para se saber em essência.

O tesouro era um pedaço de metal, era um pedaço de cal de parede, era um pedaço de matéria feita de barata.

Desde a pré-história eu havia começado a minha marcha pelo deserto, e sem estrela para me guiar, só a perdição me guiando, só o descaminho me guiando – até que, quase morta pelo êxtase do cansaço, iluminada de paixão, eu enfim encontrara o escrínio, a faiscar de glória, o segredo escondido. (LISPECTOR, 1986. p.131)

Simetricamente, ser e não-ser, G.H. e barata espelham-se num encontro epifânico, cujo núcleo reside no silêncio. O silêncio que entrecorta a expressão de G.H. O silêncio marcante da escrita epifânica em Clarice – como apontam Affonso Romano de Sant’Anna, Olga de Sá e Benedito Nunes.

Em *A Paixão*, todo o relato é silencioso. Desde o dia anterior, G.H. experimentava um ambiente silencioso. E foi o silêncio que a conduziu para o que ela chama de neutro, de nó vital. É aqui que chegamos ao nó do entrelaçamento ego/sujeito. O silêncio que não é mutismo, mas plena linguagem. É o que nos demonstrou Eni Orlandi, em *Formas do silêncio*, do qual extraímos o trecho a seguir:

Quando o homem, em sua história, percebeu o silêncio como significação, criou a linguagem para retê-lo.

O ato de falar é o de separar, distinguir e paradoxalmente vislumbrar o silêncio e evita-lo. Este gesto disciplina o significar, pois já é um projeto de sedentarização do sentido. A linguagem estabiliza o movimento dos sentidos. No silêncio, ao contrário, ele estabeleceu o espaço da linguagem. (ORLANDI, 2002: 29)

Conclusão

Pensando, portanto, nesse sujeito feminino metaficcional em *A Paixão*, este elemento surge do silêncio significativo, o silêncio da neutralidade dos signos, da linguagem e dos indivíduos. O silêncio que representa o vazio pleno de vir a ser em significação e que, por isso, permite que a personalidade ceda àquilo que Eduardo Portella chama de “identidade da identidade”. É quando os indivíduos deixam de ter uma identidade para agirem como sujeitos de suas existências.

E reconsiderando o que alguns estudiosos afirmam, G.H. não retorna à condição alienada do início do texto. O texto não é circular, mas espiralado, uma vez que a epifania conduz à uma elevação: nenhuma personagem de Clarice Lispector é mais a mesma depois da experiência

epifânica. G.H assume a condição de sujeito da enunciação, tendo a coragem de narrar sua paixão; mas também assume a condição de sujeito de sua história, como se comprova nas seguintes palavras:

O mundo independia de mim – esta era a confiança a que eu tinha chegado: o mundo independia de mim, e não estou entendendo o que estou dizendo, nunca! Nunca mais compreenderei o que eu disser. Pois como poderia eu dizer sem que a palavra mentisse por mim? Como poderei dizer senão timidamente assim: a vida. A vida se me é se me é, e eu não entendo o que digo. E então adoro. ----- (LISPECTOR, 1986. p.174)

Referências Bibliográficas

- [1] BAUMAN, Zygmunt. *O mal-estar da pós-modernidade*. Trad. Mauro Gama, Cláudia Martinelli Gama; revisão técnica Luíz Carlos Fridman. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- [2] _____. *Identidade*. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005. 110 p.
- [3] HOLLANDA, Heloísa B. (org). *Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. 288 p.
- [4] _____. *Pós-Modernismo e Política*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.
- [5] HUTCHEON, Linda. *Poética do pós-modernismo: história, teoria, ficção*. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1991.
- [6] KEHL, Maria Rita. *Deslocamentos do feminino*. Rio de Janeiro: Imago, 1998.
- [7] LAURETIS, Teresa. *A tecnologia do gênero*. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de. (org.) *tendências e impasses – o feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. p. 208.)
- [8] LISPECTOR, Clarice. *A paixão segundo G.H.* – 10ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- [9] NUNES, Benedito. *O drama da linguagem*. Série Temas, vol.12. São Paulo: Ed. Ática, 1989.
- [10] OLIVEIRA, Rosiska D. *Elogio da diferença: o feminino emergente*. São Paulo: Brasiliense, 1993.
- [11] ORLANDI, Eni Puccinelli. *As formas do silêncio*. 5. ed. São Paulo: Editora da UNICAMP, 2002.
- [12] SÁ, Olga de. *A escritura de Clarice Lispector*. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, São Paulo: PUC, 1993.
- [13] SANTOS, Roberto C. dos. *Lendo Clarice Lispector*. 1ª ed. São Paulo: Atual, 1986.

¹ **Anna Beatriz Paula, Doutora em Ciências da Literatura**
(FACINTER, Letras)
apbeatriz@gmail.com